

RESENHA CRÍTICA. BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1983

Narumi Ito (UNEMAT)¹

O livro *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*, publicado em 1983 pela editora Cultrix da Universidade de São Paulo (USP), contém 95 páginas ao todo, de autoria do doutor em Linguística Izidoro Blikstein, que é professor adjunto da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e professor titular da Universidade de São Paulo (USP). Atuando principalmente nos seguintes temas: Semiótica – Intertextualidade, também tem experiência na área de Comunicação. Nesta obra, ele analisa de perto o filme *O enigma de Kaspar Hauser* produzido pelo cineasta alemão Werner Herzog em 1974, sob a perspectiva de várias teorias linguísticas.

O livro é dividido em 12 capítulos, mais as notas e as referências bibliográficas. O primeiro é denominado: “Kaspar Hauser e o deciframento do mundo”, nele, o autor busca compreender quem foi a figura enigmática – Kaspar Hauser – explicando que este homem foi criado dentro de um sótão até os 18 anos, e somente em 1928 é encontrado numa praça em Nurembergue, tendo nas mãos uma única carta. Com sorte, um criminalista o acolhe e não o deixa passar as necessidades básicas. Resumidamente em 1833, Kaspar Hauser é assassinado, e não se sabe o motivo até a atualidade.

O autor leva em consideração o título original do filme em alemão “Jeder für sich und Gott gegen alle”, traduzido: “Cada um por si e Deus contra todos”, o qual inverte a lógica tradicional da cultura ocidental. Concluindo que esta poderia ser a isotopia básica do nosso aparelho perceptivo-cognitivo, sob os olhos de Herzog. No entanto, o maior enigma está no olhar de Kaspar Hauser, que se encontra amedrontado, perplexo e perdido em relação ao mundo que desconhecia.

No capítulo II “Signo, significação e realidade”, o linguista volta ao conhecimento dos gregos: Platão, Aristóteles, os estoicos e o Santo Agostinho para relembrar as definições vicárias do signo. Dessa maneira, pode-se alcançar o entendimento de que o signo seria algo que representa as coisas e a realidade. Para Saussure, conhecido como o desbravador da

¹ Graduada em Letras (UNEMAT). E-mail: narumiito@hotmail.com

RESENHA CRÍTICA. BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1983.

semiologia na Europa, não são as coisas, porém, os signos que circulam entre o falante e o ouvinte. Tendo em vista que, para o especialista, o signo não liga uma coisa e um nome, mas, sim um conceito e uma imagem acústica, o significado e o significante.

Para tanto, Saussure retorna aos estudos aristotélicos do convencionalismo dos signos, em relação a arbitrariedade do nome/conceito. Em decorrência disso, ele defende que seria através do signo que conheceríamos a realidade extralinguística, assim como em Kaspar Hauser, já que as pessoas obrigavam Hauser a compreender os signos, como se, quando o protagonista conhecesse a linguagem, ao mesmo tempo, ele seria capaz de conhecer o ambiente que o cercava.

No capítulo III “O triângulo de Ogden e Richards e a significação linguística”, buscando compreender o significado, Ogden e Richards fizeram história e são considerados o “ovo de Colombo”, pois desenvolveram a figura do referente, ou seja, o extralinguístico. Assim sendo, as dicotomias saussurianas (significado e significante, signo e realidade) foram superadas, e passaram a uma relação triádica, sistematizada por um triângulo, que se tornou clássico na semiologia e na linguística.

Entretanto, a inclusão da figura do referente não significou o acréscimo da realidade extralinguística. Porém, de maneira paradoxal, foi como excluí-la da linguística e da semiologia, visto que Ogden e Richards interpretaram as relações do triângulo de uma forma lógica, sobretudo a realidade extralinguística como algo não decisivo para a articulação do significado dos signos. Por consequência, o referente extralinguístico desaparecia.

No capítulo IV “Outros triângulos e o descarte do referente “extralinguístico”, o professor apresenta o triângulo de Ullmann, proclamado por Baldinger, este não representou de maneira própria um avanço, tanto teórico, quanto metodológico. No entanto, o que prevaleceu foi a tríade original de Ogden e Richards: língua, conhecimento e realidade. Na verdade, o que Baldinger denomina como “triângulo de Ullman” é apenas a mesma relação com outros nomes, podendo ser observado na reprodução em Teoria Semântica (significado/conceito, nome/significante/imagem acústica e realidade/coisa).

Para Blikstein, esse exagero de termos nos vértices do triângulo de Ullman não contribuem para com o modelo de Ogden e Richards, porque os conceitos são vistos da mesma forma e a coisa ou referente continua sendo o extralinguístico. Ainda há o trapézio de Heger, que inclusive foi citado e explorado por Baldinger, que conseguiu dividir melhor as

etapas da estruturação do conteúdo do signo, indo desde a substância fônica até o conceito. Mas não é nada além do que uma outra versão do triângulo de Ogden e Richards, sem muitos avanços na relação triádica, pois o referente continua fora da semântica e da semiologia.

No capítulo V, “A semiologia nas malhas do triângulo de Ogden e Richards”, descobrimos que o recurso ao triângulo de Ogden e Richards não está presente apenas em Ullman, Baldinger e Heger. Na semiologia contemporânea, Umberto Eco também arrisca reproduzir o clássico diagrama, descartando o referente ou a coisa extralinguística.

Apesar disso, o autor que aparentemente desenvolve uma teoria complexa e inovadora, a qual traduz experiências perceptivas em experiências verbais, não foge muito da proposta *The meaning of meaning* de 1923, de Ogden e Richards/Ulmann. Há um impasse, no sentido de que, por mais que os linguistas fujam da figura do referente, alegando que este é extralinguístico, no final, terminam sempre caindo em algo bem parecido com o referente que excluíram.

No capítulo VI, “A modelagem linguística do universo”, Blikstein começa observando que a semiologia também não foi capaz de excluir o referente, pois existe sempre alguma coisa atrás do signo, sendo o extralinguístico. Dessa forma, encarando a semiologia como uma parte da linguística, Barthes leva em consideração que todo sentido precisa ser denominado e o mundo dos significados depende do mundo da linguagem para dá-lo definição.

Outra ideia do especialista pode ser resumida em que a língua é a grande matriz semiótica que interpreta todos os sistemas linguísticos e não-linguísticos. No entanto, o professor deixa claro que esse “poder” de interpretação da língua não consegue desvendar os enigmas de Kaspar Hauser, já que a sua percepção-cognição de mundo não foi formada como a dos outros seres humanos.

No capítulo VII “A captura do referente”, de acordo com semiólogo belga Buysens, assim como a estrutura sintática rege o fato linguístico, o desconhecido orienta o referente. Porém, em outro momento na mesma obra, o semiólogo defende que o referente é o que buscamos dizer ao ouvinte, ou seja, se trata de algo psicológico. Neste sentido, Blikstein questiona o teórico citado, uma vez que, se o referente faz parte do incognoscível, como ele pode ser um fato psicológico? Entretanto, conclui que a oscilação de Buysens é mais um indício que a linguística e a semiótica não conseguem descartar o referente.

RESENHA CRÍTICA. BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1983.

Outro estudioso, chamado Coseriu, reflete que as estruturas linguísticas não representam tal qual a realidade, mas, unicamente uma visão imposta pela interpretação humana. Portanto, a frase famosa: “a língua recorta a realidade” é refutada, levando em conta que, a língua não recorta a realidade precisamente, mas sim a realidade/referente que são fabricados.

No capítulo VIII “Práxis, referente e linguagem”, o autor retorna à Kaspar Hauser para questionar o inatismo, porque os seus enigmas sugerem que a percepção de mundo estreitamente depende da construção de uma prática social. Tendo em vista que Hauser não teve um convívio social capaz de moldar suas percepções, aprendeu a conversar somente quando já adulto, logo, não interpreta o mundo da mesma forma que a maior parte da sociedade.

A práxis social se revela importante, no caso de Kaspar Hauser por exemplo, que pouco teve experiências com a linguagem, logo, a sua percepção sobre a realidade é limitada. Ao contrário dos outros seres humanos, que possuem vivências desde a infância que colaboram para a sua noção de realidade. Portanto, a práxis é essencial, juntamente com a linguagem e o referente.

No capítulo IX “Corredores isotópicos e estereótipos”, conforme Schaff, a dimensão vital da práxis, implica que os seres humanos sábios criam mecanismos não-verbais, na busca por sobrevivência. Como, por exemplo, ferramentas de diferenciação e de identificação, que ajudam a se mover no espaço e no tempo dentro de uma comunidade, ou seja, através dessas ferramentas sensoriais, o homem pode discriminar, reconhecer e selecionar.

Neste contexto, a práxis pode ser observada tendo valores positivos ou negativos, e por consequência, convertem-se em aspectos ideológicos, que são formas semânticas de linhas básicas de significação, ou seja, as isotopias de uma determinada cultura ou comunidade. Esses corredores semânticos ou isotópicos que desenvolvem a percepção e a cognição das pessoas, gerando os óculos sociais e os modelos/padrões de percepções. Para Schaff, o homem, intelectualmente nota o mundo por meio de óculos sociais e são eles que, constituem os estereótipos de percepção.

No capítulo X “Semiose não-verbal e pensamento visual”, o professor esclarece que o processo inteiro, desde a práxis até o referente, se desenvolve sem a intervenção da língua, especificamente, numa dimensão não-verbal. Neste sentido, a práxis nos ensina a ver o mundo

através dos “óculos sociais” ou estereótipos, que criam temáticas tácteis, visuais, gustativas e olfativas em nós.

Conforme Althusser sobre a definição de práticas ideológicas, ele cria um contraste entre de um lado, as atitudes, gestos e comportamentos humanos funcionando normalmente. Por outro lado, as normas práticas que governam todas os comportamentos e atitudes, por último, a tomada de consciência dos indivíduos, fase de concretude dos objetos, da existência social e particular e da sua história.

A consciência frágil da semiose não-verbal, nos ajuda a aceitar com naturalidade todas as estruturas de espaços, distâncias, gestos, objetos e movimentos que são desenvolvidos pelos estereótipos das percepções humanas. Segundo Hall, as pessoas de culturas distintas, não só falam línguas diversas, mas, sobretudo, vivem em mundos sensoriais diferentes.

No capítulo XI “Língua e reprodução da práxis”, o professor explica que é a dimensão semiológica oculta entre a práxis e o referente que foge de Kaspar Hauser. Tendo em vista a ocasião que ele chega em Nurembergue, e tem apenas o seu “olhar puro”, sem possuir os óculos sociais, sem a práxis ou estereótipos. De certa forma, a realidade cognitiva de Kaspar Hauser é direta, isto é, para ele não há a realidade fabricada ou o próprio referente, como para todos os outros indivíduos que possuem experiências.

Segundo Barthes, a língua limita a nossa percepção e cognição, pois nos faz observar a realidade como efeito de uma fabricação, passando pelo universo dos estereótipos. Dessa maneira, a cognição humana sofre um processo de esteriotipação e ainda torna para nós, efeitos com aspectos reais e naturais. Portanto, somos condenados a perceber o mundo conforme os corredores isotópicos, nada além de uma reprodução da língua e da práxis.

No capítulo XII “Língua e subversão da práxis”, o professor em seu último capítulo, conclui suas reflexões, defendendo que no conflito dialético com a práxis, a linguagem poética/criativa, de certa maneira é capaz de subverter a fabricação da realidade e denunciar os corredores isotópicos e os estereótipos. Tornando-se então, uma práxis libertadora, como podemos perceber no enigmático Kaspar Hauser, no qual o autor explica que tudo pode ser entendido através da práxis que libertou Hauser, pois quando começa a usar a linguagem, ele desafia a realidade que todos pensam ser tão bem ordenada, de certa forma, ele nos mostra que tudo é apenas um produto da práxis da comunidade de Nurembergue.

RESENHA CRÍTICA. BLIKSTEIN, I. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1983.

Por fim, Kaspar Hauser pode ser considerado o símbolo da subversão, uma vez que, não se adaptou aos referentes que a sociedade nuremberguense lhe impôs. Dessa maneira, o livro termina instigando o leitor a sempre questionar e desafiar todos os esquemas já prontos, o sistema no geral e deixando claro que podemos negar e não aceitar o referente fabricado especialmente para moldar a nossa cognição.